

Fabiana Comerlato<sup>1</sup>

O livro “Arte Pré-Histórica do Brasil”, de autoria do professor Dr. André Prous, inaugura a Coleção Didática da Série Historiando a Arte Brasileira, com o primeiro volume dedicado aos diversos suportes visuais das populações pré-coloniais que viveram no território sul-americano. A coleção é voltada para os professores dos vários níveis de ensino (fundamental, médio e superior), com indicações de ações pedagógicas.

A intenção da coleção é trazer ao público publicações de pesquisadores e especialistas na área de cada volume. O tema da arte pré-histórica do Brasil tem sido recorrente na produção acadêmica e bibliográfica do arqueólogo Prof. André Prous, com numerosos artigos e livros voltados aos zoólitos sul-brasileiros, aos sítios rupestres do Brasil Central, a cerâmica Tupiguarani, além do livro síntese *Arqueologia Brasileira* - referência indispensável para arqueólogos e não-especialistas. Em 2006, em co-autoria com a arqueóloga Loredana Ribeiro e o fotógrafo Marcos Jorge, publicou o livro *Brasil Rupestre*, que nos oferece um panorama dos resultados das pesquisas em arte rupestre no cenário brasileiro com uma seleção de fotografias de sítios de representação de todas as regiões do país.

O livro inicia com a desmistificação da “obra de arte” na pré-história, aparecendo manifestações estéticas muito antes do *Homo sapiens* e que os sítios paleolíticos na Europa Ocidental são apenas os mais conhecidos, aparecendo concomitantemente na África, Austrália e América do Sul. O autor ainda adverte sobre a abrangência do termo arte-pré-histórica, que vai muito além da arte rupestre, incluindo ainda objetos, instrumentos decorados, esculturas e até suportes orgânicos pintados (cascas de árvore). Não existem vestígios de pintura corporal neste período, porém provavelmente ela deve ter existido, pois foram encontrados carimbos para pintura do corpo em Goiás e na Bahia.

Com relação à interpretação da arte pré-histórica, cada época e corrente teórica buscou um significado para tentar decifrar os objetos artísticos e cavernas pintadas. Ao

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

longo dos séculos XIX e XX surgiram algumas interpretações balizadas pela concepção evolucionista de mundo, pelas idéias estruturalistas, pela perspectiva xamânica e, atualmente, por novos campos como o estudo de gênero, fenômenos astronômicos, biológicos e acústicos. No Brasil, os arqueólogos vêm desenvolvendo pesquisas sistemáticas sobre a arte pré-histórica desde 1970, sendo influenciados por diferentes “escolas”, ainda que compartilhem uma mesma dificuldade que corresponde à datação dos materiais arqueológicos fixos ou móveis.

O território brasileiro é identificado arqueologicamente por regiões rupestres, cada uma com suas características estilísticas e diferentes suportes rochosos. Destacam-se as regiões do Nordeste e Brasil Central pela grande densidade de sítios. Os sítios de arte rupestre podem estar em abrigos e grutas (de calcário, quartzito ou arenito), em matacões em serras, nas margens de rios ou a beira-mar. Os desenhos eram realizados por gravura, picoteadas, incisas ou polidas; ou por pintura com pigmentos minerais (óxido de ferro e dióxido de manganês) e carvão, aplicada com os dedos, graveto, carimbo ou *crayon*.

O autor apresenta cada unidade estilística de arte rupestre no Brasil. Faz-se notar que as tradições, estilos e complexos são convenções criadas pelos arqueólogos para agrupar representações rupestres com características recorrentes. Prous faz menção as seguintes tradições e complexos: Tradição Meridional, Tradição Litorânea, Tradição Planalto, Complexo Montalvânia, Tradição São Francisco, Tradição Astronômica, Tradição Nordeste, Tradição Agreste e Tradição Guiano-Amazônica.

A arte móvel também é objeto de estudo da arte pré-histórica, à exemplo dos zoólitos, dos “ídolos” amazônicos e dos muirakitã, abordados no segundo capítulo. Os zoólitos são esculturas em pedra, poucas de osso, representando animais e raramente figuras humanas. A maioria dessas esculturas apresenta uma depressão ventral ou lateral. Os zoólitos foram fabricados pelos sambaquianos entre 5.000 e 2.000 anos atrás na faixa litorânea da porção meridional do Atlântico. Prous estabeleceu uma tipologia para os zoólitos e esculturas de osso. O primeiro grupo de esculturas segue padrões geométricos, têm forma de cruz, morfologia ovóide e triangular com ampla dispersão territorial. O outro grupo de esculturas reúne uma diversidade de formas com aspecto naturalista, mantendo variações regionais. Além de esculturas, muitos instrumentos de pedra foram fabricados com preocupações estéticas, tais como: as lâminas de machado polidas, de formato simétrico e semilunar; os tembetás; e os pratos e peças geométricas localizadas na região de Laguna.

As esculturas, chamadas de “ídolos”, encontradas nos vários tributários do rio Tapajós e em lagoas, foram feitas em esteatita e representam figuras zoomorfas e antropomórficas; seus traços aventam contato entre as culturas do Pacífico e da Amazônia.

Os muirakitã são artefatos na forma triangular ou trapezoidal que geralmente representam uma rã, feitos em rochas verdes ou azuladas, polidas com incisões e furo de suspensão. Estas pequenas esculturas são associadas a sítios cerâmicos amazônicos e não ultrapassam os 2.000 anos de idade.

A cerâmica pré-histórica brasileira é elemento artístico de forte expressão, sendo as cerâmicas amazônicas mundialmente conhecidas. No capítulo três, André Prous irá apresentar as principais características da cerâmica Marajoara, da cerâmica Santarém e da cerâmica Maracá.

A cerâmica Marajoara data da segunda metade do século X, sendo associada aos grupos ceramistas que viviam as margens do rio Amazonas e na planície inundável da Ilha do Marajó. Os objetos que atraem mais a atenção são as grandes urnas e as tangas cerimoniais. As urnas funerárias combinam elementos antropomórficos e zoomórficos em um desenho geometrizado. As tangas possuem decoração linear variada com uma organização padrão dos motivos geométricos.

A cerâmica Santarém ou Tapajônica é reconhecida pela exuberância na modelagem dos vasos cerimoniais. As formas mais frequentes são: os vasos de gargalo, os vasos de cariátides e os grandes cálices com pedestal. A decoração é composta por onças, jacarés, papagaios, cobras e sapos - personagens dos mitos cosmológicos da Amazônia. Nas esculturas dos Tapajós, a figura mais comum era a mulher, boa parte representada sentada, formando com as pernas uma base semilunar. Contrastando com as vasilhas artisticamente elaboradas, também produziam grande profusão de potes de forma simples e sem decoração para o uso diário.

A cerâmica Maracá é caracterizada pela presença de urnas funerárias de formato humano, de uma pessoa sentada em um banco com os braços apoiados nos joelhos, apresentando semelhança com urnas da Colômbia, Equador e Andes argentinos.

O quarto capítulo é dedicado à cerâmica Tupiguarani, denominação arqueológica para a cerâmica atribuída aos antepassados dos povos falantes das línguas tupi-guarani, sendo sua confecção provavelmente trabalho das mulheres. São reconhecidos dois grandes conjuntos geográficos: a cerâmica Proto-Tupi (de São Paulo ao Maranhão) e a cerâmica Proto-Guarani (de São Paulo a Argentina). A decoração

pintada Proto-Tupi é reservada a parte interna de grandes vasos abertos pintados com representações figurativas extremamente geometrizadas, combinando as cores vermelha, preto e branco. As panelas eram decoradas com motivos plásticos de menor elaboração, se comparadas aos assadores. A cerâmica Proto-Guarani se destaca pelo fabrico de grandes urnas com ombros escalonados e morfologia complexa, em geral apresenta decoração corrugada. As vasilhas pintadas meridionais são decoradas com figuras geométricas (ondas, retângulos e cruces) de maneira regular e repetitiva. Os arqueólogos procuram decodificar os desenhos das pinturas nas cerâmicas Guarani, associando-os aos ritos de morte e mitos de criação desta cultura.

Na conclusão, André Prous adverte que o universo apresentado nesta obra é apenas uma síntese do que conhecemos de artefatos e sítios rupestres pré-coloniais, ficando de fora muitas regiões que vem sendo estudadas no Brasil Ocidental e outras quase desconhecidas. O que nos chegou até o presente foram os objetos desta arte que não estavam separados do cotidiano destes povos e de seus rituais, portanto, refletem valores das sociedades que os produziram e idealizaram.

Cabe ressaltar que a arte pré-histórica não é algo linear, uniforme ou monolítico, mas, que existem muitas maneiras de representar do que faz o sentido estético ser algo cultural. Isto quer dizer que no âmbito da pesquisa também não podem ser procuradas apenas uma explicação globalizante a este fenômeno cultural. A partir desta perspectiva, o arqueólogo deve perceber os testemunhos da sensibilidade das populações pré-coloniais, analisando a arte rupestre de maneira correlata aos outros registros do dia a dia destes povos. Mesmo assim, a arqueologia se limita a um discurso sobre o passado em constante re-elaboração.

Visto toda a diversidade da arte pré-histórica brasileira, como o professor pode aproximar seus alunos da pesquisa arqueológica? No capítulo “Orientações Pedagógicas”, elaborado pela arte-educadora professora Dra. Lucia Gouvêa Pimentel, contêm propostas de atividades educativas que abordam a arte pré-histórica brasileira, tendo como foco o ensino/aprendizagem de arte. As doze atividades sugeridas estimulam à criação artística, o construtivismo, a reflexão coletiva, o desenvolvimento de habilidades e o diálogo com outros campos do saber, como a Física, Química, Biologia e a Geografia.

Por último, de acordo com a proposta didática, seguem definições de termos em um glossário, que pode ser ampliado ou simplificado pelo professor a depender do perfil

sócio-cultural, nível escolar e faixa etária dos alunos, bem como a aplicação das atividades educativas propostas.

Ao final de sua leitura, podemos considerar “Arte Pré-Histórica do Brasil” uma ferramenta para a prática pedagógica do professor de arte, podendo também ser amplamente utilizado nas ciências humanas, dando subsídio para a inclusão da temática das manifestações artísticas pré-coloniais nos currículos escolares.

Algumas das publicações mencionadas: *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UnB, 1992; *Arte Rupestre Brasileira: Uma Tentativa de Classificação*. *Revista de Pré-História*. São Paulo: USP, 7: 9-33, 1989; *Les Sculptures Zoomorphes du Sud Brésilien et de L'Uruguay*. Braga: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, 1977. *Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud* 5. Também publicou em co-autoria, uma coletânea sobre cerâmica Tupiguarani: PROUS, André & LIMA, Tânia Andrade (orgs.). *Os ceramistas Tupiguarani: sínteses regionais*. Belo Horizonte: Sigma, 2008. JORGE, Marcos; PROUS, André; RIBEIRO, Loredana. *Brasil rupestre: arte pré-histórica brasileira*. Curitiba: Zencrane Livros, 2007.